
Entrevistado/a: Cláudia Luce Dutra

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 26 de junho de 2025

Local: EMEF Carlos Drummond de Andrade – Canoas

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória profissional e vínculo com a instituição

Cláudia Luce Dutra é professora desde o ano 2000 e atua na rede municipal de Canoas há cerca de dez anos, período em que também está vinculada à Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Drummond de Andrade. Sua relação com a instituição é marcada por forte sentimento de pertencimento, especialmente evidenciado durante o período em que a escola funcionou como abrigo.

Vivência da enchente

A entrevistada relata que residia no bairro Fátima, uma das áreas severamente atingidas pelas enchentes de maio de 2024. A evacuação ocorreu de forma emergencial durante a madrugada, após alertas de risco iminente de alagamento. Em situação de desespero e desorientação, deixou a residência acompanhada do marido, vizinhos, crianças e animais de estimação, buscando inicialmente abrigo na ULBRA. O deslocamento foi marcado por medo, insegurança e incerteza quanto ao destino e à preservação da moradia.

Abrigamento

Cláudia descreve a experiência inicial no abrigo da ULBRA como emocionalmente difícil, em razão da grande concentração de pessoas, da precariedade e da ausência de perspectivas. Diante desse cenário, e ao tomar

conhecimento de que a EMEF Carlos Drummond de Andrade estava funcionando como abrigo, decidiu se deslocar até a escola, onde encontrou melhores condições de acolhimento, organização e segurança.

A escola como abrigo e espaço de pertencimento

Na escola, a entrevistada foi acolhida juntamente com o marido, vizinhos e animais, utilizando inicialmente a própria sala de aula e, posteriormente, outros espaços da instituição, como a biblioteca. Permaneceu no local por aproximadamente 26 a 27 dias. Relata que, diferentemente de outros abrigos ou da possibilidade de permanecer em casas de familiares, a escola representou um espaço onde não se sentia um incômodo, mas parte ativa da comunidade, podendo contribuir com tarefas de organização, cadastramento de famílias e apoio aos demais acolhidos.

Trabalho coletivo, solidariedade e apoio

Cláudia destaca intensamente as redes de solidariedade que se formaram durante o período, tanto no interior da escola quanto fora dela. Relata apoio recebido de colegas com os quais não mantinha contato próximo anteriormente, além de funcionários, vizinhos e voluntários que ofereceram banho, abrigo temporário, roupas e suporte emocional. Ressalta que a convivência no abrigo fortaleceu laços, estimulou a cooperação e gerou um ambiente de ajuda mútua, no qual também se sentia útil e emocionalmente amparada.

Registro da experiência e elaboração do vivido

A entrevistada produziu um diário durante o período em que permaneceu no abrigo, no qual registrou acontecimentos cotidianos, sentimentos e reflexões. Explica que a escrita funcionou como estratégia de organização emocional e de elaboração da experiência traumática, além de constituir uma forma de preservar a memória do vivido.

Impactos emocionais e percepção da escola

Ao refletir sobre os efeitos da experiência, Cláudia afirma que a escola se consolidou, para ela, como um “porto seguro”, um espaço de proteção, acolhimento e pertencimento. Destaca que, diante da possibilidade de novos

eventos climáticos extremos, a escola permanece como referência de segurança emocional. Ressalta, ainda, que o período foi marcado por sentimentos de vulnerabilidade, medo de perdas materiais e insegurança quanto à proteção das residências, agravados por relatos de violência e saques nas áreas atingidas.

Aprendizados e percepções da experiência

Cláudia conclui que a experiência das enchentes fortaleceu vínculos comunitários e ampliou práticas de solidariedade, tanto na escola quanto no condomínio onde residia. Destaca que, após o recuo das águas, moradores passaram a organizar ações solidárias. Finaliza ressaltando que, apesar do sofrimento, o período evidenciou a capacidade coletiva de cuidado e apoio mútuo.